



***Negociações em busca** de um mínimo denominador comum são marcadas por uma maratona de discussões a porta fechada que muitas vezes degradingola para o bate-boca*

Um teste de resistência diplomática

Eliane Oliveira, Liana Melo e Renata Malkes
economia@oglobo.com.br

• Basta um olhar mais atento para captar os sinais de cansaço e preocupação no rosto de muitos daqueles que entram e saem do Pavilhão 5 do Riocentro, transformado na arena de batalhas onde representantes de 193 países tentam chegar a um mínimo denominador comum sobre o futuro do planeta. Em público, os negociadores encarregados de debater o texto final da Rio+20 mantêm a fleuma. Mas é nas intermináveis reuniões a portas fechadas que os diplomatas vivem um presente que ninguém quer: passam fome, não bebem água, batem boca e muitos abusam de capacidades retóricas de teor duvidoso para conseguir seus objetivos finais.

— Está difícil — desabafou um diplomata árabe numa rápida fuga para o café.

— Parece que estamos no Oriente Médio. Há mais opiniões que delegados.

É esse o clima predominante dos debates. Os diplomatas canadenses e americanos, por exemplo, levaram à exaustão os representantes do G-77, o bloco composto por 130 países em desenvolvimento, até que o Brasil retirasse do documento a proposta de criação de um fundo de US\$ 30 bilhões anuais para financiar iniciativas de desenvolvimento sustentável pelo mundo.

Os canadenses, principalmente, fingiam ignorar o assunto. Sempre que a questão vinha à tona, faziam, sem constrangimento, a pergunta mortal:

— Do que é que vocês estão falando?

À medida que o cansaço aumenta, a finesse diminui. Na última quarta-feira, quando a pergunta foi feita pela enésima vez, delegados do G-77 se rebelaram. Aos berros, tentaram invadir a sala onde transcorria uma das reuniões. Diplomatas presentes

ao encontro garantem que a confusão foi grande. E com direito a corre-corre. As táticas para vencer a guerra de nervos envolvem atitudes quase camicases.

— Alguns diplomatas têm uma resistência invejável, não se levantam da mesa de negociação de jeito nenhum. Esses ganham pela exaustão — contou um dos negociadores.

Algumas brigas têm fundo conceitual. Outras são motivadas por questões semânticas. Meras vírgulas e travessões viram armas. Hora marcada? Há somente para entrar.

— Não há tempo estipulado. É cansativo e, às vezes, podem-se perder horas em um único parágrafo — explicou um alto negociador europeu ao GLOBO.

Até negociador do Vaticano perde a paciência

A lentidão é marca registrada na discussão sobre o fim dos combustíveis fósseis. Mas, nesse caso, são os negociadores do G-77 que dão o troco, inviabilizando os debates com posições terminantemente contrárias.

— Os diplomatas brasileiros destoam. São os mais neutros de todos, talvez por serem do país anfitrião — revelou outra fonte.

Se o corpo diplomático do Brasil conseguiu manter sua santa paciência até aqui, o mesmo não se pode dizer de uma nação europeia pequenina no tamanho, mas grande na influência: o Vaticano. Os delegados da Santa Sé expressaram sua forte oposição a que a Organização Mundial da Saúde ficasse à frente do artigo sobre sexualidade reprodutiva.

Em meio ao clima cinzento, os negociadores têm recorrido ao que chamam de linha vermelha, ou limite de até onde podem ir num debate. A tal linha é sempre levantada como argumento definitivo para justificar posições inflexíveis. Na Rio+20, a linha se transformou em muralha. ■

O ESTADO DAS NEGOCIAÇÕES

O que deve ficar de fora do documento

DEFINIÇÃO DO QUE É ECONOMIA VERDE
Tema da conferência, a economia verde não recebeu uma definição. O texto estabelece que economia verde não deve ser um conjunto rígido de regras e que há diferentes abordagens, visões e modelos para o tema de acordo com cada país. A economia verde sempre vai, ainda, acompanhada pela expressão “no contexto de desenvolvimento sustentável e erradicação de pobreza”

FUNDO PARA FINANCIAR AS AÇÕES DE SUSTENTABILIDADE
Depois da discussão para a criação de um fundo de US\$ 30 bilhões para financiar ações de sustentabilidade nos países pobres, na semana passada, o texto não tem novidades quanto às fontes de financiamento, ou seja, sobre quem vai pagar pela conta da sustentabilidade. No capítulo sobre os chamados meios de implementação — que é o termo diplomático para as fontes de financiamento —, reafirma-se o compromisso de uma ajuda financeira de 0,7% do PIB dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento até 2015 e de 0,15% a 0,2% do PIB para os menos desenvolvidos. Compromissos esses que não vêm sendo respeitados pelos países

RESTAURAÇÃO DE FLORESTAS
O tema das florestas recebe uma seção, mas que trata da administração sustentável das florestas, sem garantir ações de restauração ou recuperação. O documento defende esforços para atingir a administração sustentável das florestas



O que avançou

• **OCEANOS**
O texto destaca a importância da conservação e do uso sustentável dos oceanos e seus recursos para o desenvolvimento sustentável e, com isso, estabelece o compromisso de proteger e restaurar a saúde, a produtividade e a resiliência dos oceanos e dos ecossistemas marinhos, além da manutenção de sua biodiversidade. Um dos parágrafos confirma o compromisso de eliminar os subsídios que contribuem para a pesca irregular, ilegal e em excesso, diante da importância do setor para os países em desenvolvimento

• **CRIAÇÃO DE FÓRUM PARA TRATAR DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**
O documento decide pelo estabelecimento de um fórum intergovernamental político de alto nível para debater o tema de desenvolvimento sustentável, a partir da Comissão de Desenvolvimento Sustentável



Fernando Eichenberg



HAMON: VINDA de Hollande mostra que França leva Rio+20 a sério

gresso social:

— Vemos sistematicamente os pilares da economia social e solidária nas orientações econômicas da presidente Dilma Rousseff. Acreditamos na França que a austeridade nos leva à recessão econômica e a um descolamento das populações do projeto europeu. Há uma forma de consenso há alguns anos na lógica de reequi-

líbrio das contas públicas exclusivamente fundada nos cortes de despesas, na redução do custo do trabalho e no sacrifício de nosso modelo social. Pela política de austeridade, tiramos o sangue do doente e, uma vez que ele está todo pálido, esperamos que se cure. Esse método produzirá um cadáver no fim, e o cadáver será o projeto europeu. ■

TRANSFORMAÇÃO DO PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE EM AGÊNCIA
Havia uma expectativa de que a Rio+20 pudesse garantir a transformação do Pnuma em uma agência independente da ONU — como é o caso da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O texto, no entanto, deixa em aberto essa possibilidade, ao pedir que a Assembleia da ONU “adote uma resolução fortalecendo e ampliando (*upgrading*, em inglês) o Pnuma”

AGRICULTURA FAMILIAR
A agricultura familiar, que é apontada como um dos instrumentos para garantir uma alimentação digna para grupos excluídos, não entrou no documento preparado pelo Brasil

ERRADICAÇÃO DA POBREZA EXTREMA
O adjetivo extremo, que vinha sendo defendido por alguns países, ficou de fora do texto, como era o desejo dos Estados Unidos. A erradicação da pobreza é indicada como o grande desafio global de hoje e fundamental para se atingir o desenvolvimento sustentável



O que ainda está em negociação

RESPONSABILIDADES COMUNS, PORÉM DIFERENCIADAS
A expressão, que considera que os países ricos já usaram mais dos recursos naturais do planeta e por isso têm maior responsabilidade, ainda é uma dúvida no documento. Os Estados Unidos continuam contra sua inclusão porque alegam que é uma prática das conferências de clima e a Rio+20 não é conferência de clima

Quais os temas genéricos

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
O texto destaca a importância de se estabelecer um conjunto de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que seja coerente com a agenda de desenvolvimento da ONU pós-2015 e que inclua de uma maneira equilibrada as três dimensões do desenvolvimento sustentável (prosperidade econômica, qualidade ambiental e igualdade social). Não há, no entanto, metas, prazos nem indicadores claros para isso

CONSUMO SUSTENTÁVEL
Um dos capítulos do texto trata do tema, mas sem estabelecer metas nem prazos. O documento reconhece que “mudanças fundamentais na forma como as sociedades consomem e produzem são indispensáveis para atingir o desenvolvimento sustentável global”

França defende menção a economia solidária

Ministro admite que não se pode esperar muito do documento final da conferência

Fernando Eichenberg
eichenberg@oglobo.com.br

Correspondente

• PARIS. O ministro francês da Economia Social e Solidária, Benoît Hamon, desembarca hoje no Brasil, um dia antes da chegada do presidente François Hollande, para negociações em torno da inclusão de um trecho específico defendido por Paris na declaração final da Rio+20.

— Nosso objetivo é obter ao final um parágrafo que retome o que é a legitimidade dos princípios da economia social e solidária, de atividade econômica e progresso social, inscrito nos objetivos de uma globalização responsável, de uma economia verde — afirmou o ministro.

Ele admitiu não “se poder esperar muito” do documento final, mas acredita na possibilidade de pequenos avanços:

— Espero que tenhamos esse parágrafo afirmando que globa-

lização responsável não é apenas respeitar o meio ambiente, mas colocar o homem no centro. Se tivermos ganho de causa, será algo positivo. A presença do presidente da República diz duas coisas: a Rio+20 é séria, o Brasil é sério.

Um dos objetivos da sua pasta é a implementação do Banco Público de Investimentos, que pretende servir como instrumento de reindustrialização da França e de estímulo a projetos na área de economia social e solidária, hoje responsável por 10% do PIB do país, com cerca de 2,35 milhões de empregos.

— Nos últimos dez anos, houve aumento de 23% de empregos nesse campo, contra apenas 7% de crescimento dos empregos clássicos. O setor cooperativo, com mais de 1 milhão de empregados, continuou a crescer em plena crise, demonstrando sua resistência, além de seus benefícios sociais. Não é algo baseado na especulação, mas um investimento na economia real — disse.

Na sua avaliação, Brasil e França compartilham hoje o mesmo discurso sobre a necessidade de um crescimento econômico que produza pro-

Notáveis divulgam documento de pressão

Texto do grupo The Elders, que inclui FH, alerta para riscos e defende imposto verde

Fernanda Godoy
fernanda.godoy@oglobo.com.br

• O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, no Riocentro, durante a divulgação do documento “O futuro que escolhemos” — formulado por cientistas e pelo grupo The Elders, criado por Nelson Mandela para unir ex-líderes mundiais — que a consciência social sobre o tema do desenvolvimento sustentável está aumentando, mas que esse ritmo não está sendo acompanhado pelos governos. Ele afirmou que ainda tinha dúvidas sobre se a Rio+20 produziria um documento forte.

— O importante é que a consciência social está aumentando. De todo lado você vê que tem gente interessada. Independentemente do documento, o movimento é positivo e está crescendo — disse Fernando Henrique.

O documento é assinado por cientistas de renome, entre eles vários vencedores do Prêmio

Nobel, e por integrantes do The Elders, como Gro Harlem Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega. O texto afirma que não há mais dúvidas sobre o aquecimento global, e alerta para outros riscos, como a escassez de alimentos e a perda de biodiversidade.

Fernando Henrique disse esperar que o documento tenha algum impacto na reunião dos chefes de Estado, que começa amanhã, no Riocentro. No texto, os líderes políticos e da comunidade científica defendem ainda a criação de um “imposto verde” para financiar ações de desenvolvimento sustentável.

FH reconheceu que, em negociações multilaterais como as que ocorrem durante a Rio+20, é comum haver pressão e dificuldade em chegar a um consenso, ainda mais em momentos de crise econômica. Ele citou a proposta de criação de um fundo de US\$ 30 bilhões para financiar a economia verde, apoiada pelo Brasil, mas que teve de ser suprimida do texto por pressão dos países desenvolvidos:

— Não há dinheiro, mas um fundo como esse não é para este momento. É uma proposta permanente e um sinal de que os países dão atenção ao tema. ■